

OS PROBLEMAS DE SOCIABILIDADE ENVOLVENDO O IMIGRANTE POLONÊS NO PARANÁ

Sergio Antoczeczen (professor/historiador)

O processo de imigração dos europeus no Paraná teve seu auge na Segunda metade do século XIX e início do século XX. Este movimento migratório trouxe uma característica européia, principalmente ao sul do Brasil, miscigenando o europeu e sua cultura ao já miscigenado povo brasileiro. Dentro desta cultura européia, trazida pelos imigrantes, estavam presentes resquícios de guerras e conflitos ocorridos na Europa ao longo de sua história, o que contribuía para uma rivalidade européia aqui no Brasil, principalmente na questão germânico – eslavo.

Este trabalho será focado no processo de imigração polonesa mais especificamente no Paraná, tendo em vista os problemas de sociabilidade que envolveram estes imigrantes, principalmente no relacionamento com os outros grupos imigratórios europeus e com a sociedade paranaense de um modo geral.

Para uma melhor compreensão dos elementos culturais trazidos pelo imigrante polonês e seu processo de fixação em colônias aqui no Paraná, e, para entendermos os fatores que contribuíram para gerar os problemas de sociabilidade é necessário um maior aprofundamento no estudo sobre a Polônia e como vivia sua população, principalmente entre o século XIV e o início do século XX, e como se deu o processo de imigração.

A Polônia (século XIV ao XX)

Durante a Segunda metade do século XIV a Polônia passa ter algumas características que a diferem das outras nações européias, principalmente no que diz respeito a não existência de um governo absolutista.

Com a morte do rei Casimiro III em 1370, termina um período de apogeu da política e cultura polonesa. O título real passou para Luís de Anjou, rei da Hungria, que para poder confirmar os poderes de sucessão do trono polaco para sua filha Jadwiga em 1374, se vê obrigado a conceder privilégios aos nobres poloneses, principalmente na cobrança de impostos. Com o casamento de Jadwiga com Jagiello, grão-duque da Lituânia, aconteceu a união entre os dois reinos, resultando na formação de um grande território, que englobava até mesmo as terras da Ucrânia, atingindo o Mar Negro, impondo sobre esta região uma dominação militar, transformando senhores locais em vassalos. O grande, porém, primitivo reino polonês tinha como grande representação a *szlachta*, nobreza polonesa, que passou a fazer a escolha dos reis estrangeiros que se sucederam no trono polonês. Os nobres passaram a ter mais poder que os reis, pois estes eram colocados e retirados do trono pela nobreza que em troca de apoio ao monarca ganhava cada vez mais privilégios. Ao longo do século XV, e principalmente com a guerra dos 13 anos, uma política de expansão territorial anexaria ainda a Prússia ocidental, a Ermlândia e a Prússia Oriental, tornando estas regiões feudos poloneses.

As terras do reino polonês estavam cada vez mais centradas nas mãos dos nobres, principalmente nas regiões adquiridas com a expansão territorial e na região da Ucrânia. A nobreza polonesa em seu favor, acabou criando principalmente a partir do final do século XV, leis cada vez mais severas ao campesinato polonês. A aldeia era a forma de organização deste campesinato dentro da grande propriedade, onde os lotes de terra destinados à agricultura de subsistência dos camponeses tinham sua área cada vez mais reduzida. Principalmente porque neste período a Polônia passou a ser o celeiro da Europa, então houve a necessidade de mais terra para a produção agrícola com finalidade comercial. No século XVI, novas leis eram criadas como as corvéias de até seis dias por semana, impondo um percentual de apenas dez por cento sobre a produção total ao *wloka*, polonês que produzia na terra do nobre. Calcula-se que entre os anos de

1600 a 1750 o valor da produção comercial dos grandes nobres tenha triplicado, dos pequenos nobres tenha duplicado e dos camponeses decaído. Porém estes lucros não foram produtivamente reinvestidos na modernidade da forma de produção, utilizando formas arcaicas e por conseqüência, produzindo índices de rendimento pouco elevados. Uma política de elevação dos preços dos produtos manufaturados, e uma valorização de produtos industrializados estrangeiros enfraqueciam a indústria interna, impedindo desta forma um êxodo do camponês para as cidades. Os latifúndios, principalmente no leste e sudeste, passaram a ser cada vez maiores - o chanceler João Zomoyski era senhor de 800 mil hectares, exercia jurisdição sobre umas oitenta cidades e oitocentas aldeias, a família Potocki possuía na Ucrânia cerca de 1 milhão e 200 mil hectares.

Na região dominada pela Polônia era imposta a religião católica apostólica romana, desta forma as perseguições aos católicos ortodoxos era evidente, o que acabou contribuindo na conversão de muitos católicos ortodoxos, principalmente ucranianos, em católicos seguidores da igreja romana. A Polônia era um grande território formado por diversos povos, que apesar de em sua maioria serem eslavos, tinham línguas e culturas diferentes, o que dificultava a idéia de se formar uma nação polonesa. Se imaginarmos ainda a intenção da nobreza em sempre buscar interesses próprios, a segurança contra ataques de países vizinhos acabou não acontecendo. A Polônia tornou-se grande, com uma econômica baseada na agricultura, porém, militarmente fragilizada, o que contribuiu para diversas invasões e revoltas internas. No século XVIII o território polonês acabou sofrendo três partilhas, entre a Rússia, a Prússia e o Império Austro-Húngaro, fazendo o país desaparecer por completo, ressurgindo somente após o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918. É neste cenário de não existência da Polônia que acontece a grande imigração polonesa para a América.

A IMIGRAÇÃO POLONESA NO PARANÁ E OS PROBLEMAS DE SOCIABILIDADE .

Com o Estados Unidos da América passando a vender cereais para a Europa no final do século XIX, a super população das aldeias e a miséria no campo e na cidade, provocados principalmente pela crise nas indústrias têxteis de Lódz e no centro industrial de Varsóvia, deixou muitos desempregados entre a população urbana e provocaram um verdadeiro êxodo, em que, durante os cinquenta anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, cerca de 3,6 Milhões de pessoas deixaram a Polônia, das quais aproximadamente cem mil chegaram ao Brasil. A viagem gratuita, a perspectiva de ganhar a tão sonhada terra, promessas mirabolantes dos agentes de viagem, fomentavam a “febre brasileira”.

A imigração polonesa era composta por mais de 90 por cento de camponeses que viam no Brasil, um lugar que oferecia-lhes a chance de continuar o seu próprio modo de vida, derrubando as matas e cultivando a terra. Construíam suas casas utilizando características polonesas, de troncos encaixados, sem a utilização de pregos, ou com características polonês/ucraniano, casas de sótão com área de lazer na frente ou dos lados e lambrequins decorativos que serviam de pingadeira.

O auge da imigração polonesa no Paraná ocorreu entre os anos de 1890 a 1914, de diversas regiões da Polônia. Traziam consigo uma cultura miscigenada com a Ucrânia, Rússia, também germânica e com os povos eslavos do sul da Europa, de regiões próximas até mesmo do Mar Negro. Isto ocorreu devido ao período em que a Polônia era a dominante e posteriormente quando esta era dominada por russos e germânicos. As características desta mistura estão presentes nas tradições, na religião, na língua, no folclore, entre outras. A maior parte destes imigrantes vem da região sul da Polônia, vindo como austríacos, pelo fato desta região estar dominada pelo Império Austro-Húngaro. Esta região fazia parte da Nova Polônia, ou região anexada após a união com a Lituânia no final do século XIV. Tinha uma população dividida entre poloneses e

ucranianos. A religião predominante era a Católica apostólica Romana, principalmente após a conversão dos ucranianos ortodoxos a religião católica romana, imposta pelos poloneses.

Durante o período da Imigração esta era a região mais pobre do império Austro-Húngaro, onde as pessoas morriam até de inanição. A característica principal eram as aldeias, onde criava-se uma ligação quase familiar entre os seus moradores, principalmente pelo fato das pessoas que ali estavam já eram filhos, netos, bisnetos de moradores da mesma aldeia. Tal fator acabou contribuindo para um isolamento das colônias formadas por estes imigrantes no Paraná. Como a imigração polonesa ocorreu após a vinda dos italianos e dos alemães, os poloneses acabaram ficando em regiões mais isoladas de Curitiba. Este fator também contribuindo para um isolamento de suas colônias.

Os imigrantes, vindos de outras regiões da Polônia, vinham como Russos ou Alemães, porém em sua maioria sofria com problemas semelhantes aos do sul, principalmente na questão da vida nas aldeias.

Para abastecer Curitiba de hortifrutigrangeiros, foi criado o chamado “cinturão verde” que nada mais era que a fixação dos imigrantes em torno da capital paranaense. Os imigrantes, dedicando-se a agricultura, plantavam, colhiam e vendiam seus produtos nas feiras em Curitiba. O imigrante polonês passa a sofrer com a distância entre suas colônias e a capital paranaense, forçando desta forma a presença da polaca nas feiras, vendendo os produtos e do polaco trabalhando a terra. Como os poloneses estavam acostumados a viver em uma comunidade bastante unida, onde todos se conheciam - isto ocorrendo nas aldeias em sua terra mãe e posteriormente nas colônias polonesas no Paraná - as mulheres polonesas vendiam seus produtos nas feiras, oferecendo-os a homens e mulheres, o que para a sociedade curitibana, extremamente conservadora, era algo inaceitável. Mulheres fazendo uma atividade fora de seus lares e, além do mais,

conversando com homens estranhos. A sociedade Curitibana passou a ver a mulher polaca com preconceito, chegando até mesmo a utilizar o termo “polaca” de forma pejorativa.

O fato dos imigrantes poloneses terem vindo para o Paraná após a imigração alemã, e pelo fato destes alemães já estarem mais organizados e em alguns casos até estabilizados economicamente, houve uma resistência dos imigrantes alemães em aceitar a chegada dos poloneses, com a alegação da concorrência na produção e venda de produtos agrícolas, além de rivalidades existentes, principalmente pelo fato da Polônia durante o período expansionista ter dominado regiões européias formadas por povos germânicos, que mais tarde após a unificação alemã fariam parte da Alemanha. Após o ano de 1918, esta resistência ficaria ainda mais evidente, principalmente após o tratado de Versalhes que determinou à Alemanha ceder aos poloneses uma grande área de terra e o porto de Dantzig. Devido a difícil sociabilidade entre os dois povos, onde houve até mesmo a tentativa de se escravizar os poloneses em fábricas alemãs, a solução, muitas vezes, era mudar as colônias polonesas de lugar, ou enviar os poloneses que chegavam para lugares mais distantes.

A distância de muitas colônias polonesas e a dificuldade de vender os produtos, causaram em muitas situações a permanência do polonês em Curitiba. Este polonês exercia funções que eram também feitas por antigos escravos, a escravidão negra em Curitiba apesar de em pequeno número, também ocorreu. A sociedade Curitibana passa a ver no polaco o “negro ao avesso”. Juntamente com a idéia de que o polaco era beberrão e desordeiro. O termo “polaco” passa a ser pejorativo, tanto para o homem como para a mulher “polaca”.

No campo, a distância e o isolamento das colônias criavam dificuldades de relacionamento dos imigrantes com a sociedade de modo geral, chegando até mesmo a dificultar o aprendizado da nossa língua. Criavam-se escolas internas nas colônias,

onde as crianças aprendiam apenas o polonês e seguia-se os costumes da pátria mãe, era como se fosse um pedaço da Polônia no Brasil. Com a política nacionalista de Getúlio Vargas houve a proibição destas escolas rurais ensinar em polonês, obrigando-se desta forma o aprendizado da língua portuguesa.

Na década de 20 a 40, uma política de formação de uma identidade do povo paranaense, passa a assimilar o polonês à sociedade com de campanhas publicitárias de valorização do polonês e da questão agrícola, tais como “o Paraná é o celeiro do Brasil”, e ligando o polonês a figura do “semeador”. Um monumento em homenagem ao polonês e ao centenário da independência é criado por um artista vindo da polônia no final do século XIX Zaco Paraná - Jan Zak (1884 – 1961) e é colocado, como cartão de visita a Curitiba, à Praça Eufrázio Correia – em frente a estação ferroviária. Entre os principais ativistas ligados ao movimento de formação de uma identidade paranaense estava Romário Martins.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes oficiais

TÍTULOS de concessão de terras a imigrantes em Vera Guarani – Arquivo Público do

Publicação – Periódico

BRASIL 500 REPÚBLICADAS ETNIAS, SIEWIERSKI

Fontes orais

Relatos de imigrante, Sr. Francisco Antoszczyszyn, ano de sua imigração 1910.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, P. Linhagens do Estado Absolutista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985

IAROCISNSKI, U. Saga dos Polacos. Curitiba, 2000

IANNI, Octávio, Do Polonês ao Polaco, 1960.

WACHOWICZ, Rui. O camponês Polonês no Brasil

Emigracja Polska w Brazylji: 100 lat osadnictwa, Spolzielnia, 1971

Atlas Universal Histórico e Geográfico Atual – Editora Didática Paulista